

A Enquete Operária Revisitada.

Antônio Olegário Ferreira Neto - Sociologia/UFMG

Georgheton Melo Nogueira Filho - Ciência Política/UFMG

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o projeto da Enquete Operária, questionário elaborado por Marx em parceria com a revista francesa *La Revue Socialiste* e endereçado a classe trabalhadora daquele país. A partir disso, procura-se mostrar como os fundamentos teóricos e metodológicos da enquete se mostram presentes em diversos momentos da obra do pensador alemão, constituindo-se como uma preocupação perene de sua teorização sobre a sociedade burguesa. As breves análises dos Manuscritos Económico-Filosóficos, do Manifesto do Partido Comunista e do Capital servem para demonstrar como o intuito de conhecer a condição em que classe trabalhadora labora e se move participa da elaboração dos conceitos marxianos e informa sua concepção política. Neste sentido, argumenta-se que a enquete, longe de ser um esforço isolado, apresenta-se como um aprofundamento das preocupações centrais de Marx durante sua vida de teórico e militante e demonstra-se que sua incompletude é apenas parcial.

Palavras Chave: Marx, Enquete Operária, Classe Trabalhadora, Capitalismo

Abstract: The objective of this work is to analyze the Workers Inquiry project, a questionnaire created by Marx in partnership with the French magazine *La Revue Socialiste* and addressed to the working class of that country. Thus, we try to show how the theoretical and methodological foundations of the inquiry are present in different moments of the work of the German thinker, constituting a perennial concern of his theorization about bourgeois society. The brief analyzes of the Economic-Philosophical Manuscripts, the Communist Manifesto and Capital serve to demonstrate how the aim of knowing the condition in which the working class works and moves participates in the elaboration of Marxian concepts and informs his political conception. In this sense, it is argued that the 1880 questionnaire, far from being an isolated effort, presents itself as a deepening of Marx's central concerns during his life as a theorist and militant and demonstrates that its incompleteness is only partial.

Key Words: Marx, Workers Inquiry, Working Class, Capitalism

I- Introdução

A enquete operária¹ (Marx, 1880), assunto algumas vezes tratado na tradição marxista, se refere na maioria das vezes ao questionário elaborado por Marx no ano de 1880 a pedido da revista francesa *La Revue Socialiste*. Tal questionário, composto por 101 questões, seria enviado a grande massa de trabalhadores franceses e recolhido a partir do envio das respostas à sede da revista em questão. Apesar de seu contexto específico, a enquete representa uma preocupação geral do autor em conhecer e descrever a vida e o trabalho das classes operárias de sua época, produzindo conhecimento qualitativo e aprofundado sobre seu cotidiano.

As 101 questões dispostas no questionário abrangem uma diversidade de temas relacionados à vida cotidiana e as condições gerais de trabalho da classe trabalhadora francesa, incorporando também os temas, bastante importantes para Marx e para a revista com a qual ele trabalhava, da organização política dos trabalhadores. Desta maneira, como apontam Haider e Mohandesi (2013), as questões são arranjadas progressivamente: começando com perguntas relativamente desinteressadas, como as características do labor desempenhado ou a composição da força de trabalho observada no ambiente de trabalho elas acabam perguntando aspectos como a exploração na fábrica e a organização trabalhista ali encontrada, inquirindo inclusive sobre greves e mobilizações presenciadas pelo interlocutor.

A título de exemplo, podemos pensar na relação que existe entre a primeira e a última questão: aquela pergunta “Qual é seu ofício?” e esta: “Quais são, de forma geral, as condições físicas, intelectuais e morais entre os trabalhadores e as trabalhadoras de seu ofício?” (Marx, 1880). Aqui se torna bem claro o caminho de sequencial complexificação que o questionário segue. É importante lembrar que Marx não exige que todas as perguntas sejam respondidas, mas que as respostas escolhidas sejam tão detalhadas quanto possível.

Uma questão especialmente importante para o projeto que analisamos aqui, são as justificativas que Marx associa a seu intuito de “entrevistar” trabalhadores. Duas delas serão de grande utilidade para o propósito deste trabalho. A primeira diz respeito à falta de iniciativas como a da enquete operária entre os mais diversos órgãos da sociedade europeia da época. Com efeito, Marx dirá que não existem e não existiram, nem nos círculos monárquicos nem nos burgueses, esforços para compreender de perto a vida cotidiana da classe trabalhadora francesa, o que, por si só, já informa a importância da construção e aplicação do questionário. As classes dominantes, apesar disso, mostravam enorme prontidão no momento de pesquisar científica e estatisticamente a ocorrência de crises e recessões, o que implica em

¹ A versão da enquete utilizada para a elaboração desse texto pode ser encontrada em:

<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1880/04/20.htm>.

Aqui, porém, só encontraremos 100 questões já que uma das duas perguntas que Marx faz sobre o decréscimo e acréscimo de salários é omitida (Haider e Mohandesi, 2013)

uma certa negligência proposital das condições de vida e trabalho que imperavam em um país como a França.

Isso, por sua vez, nos leva a segunda justificativa. Ela se refere à possibilidade que um estudo científico como a enquete operária possui de descobrir e revelar as formas ocultas e perniciosas de exploração do trabalho em determinado arranjo produtivo. Para as classes dominantes francesas, um estudo rigoroso do cotidiano de vida da classe trabalhadora representa um perigo considerável, uma vez que seus resultados podem levar a uma série de revisões e avanços das leis trabalhistas vigentes com o engendramento de limites legais a jornada de trabalho e ao trabalho infantil, tal como ocorreu na Inglaterra. Dessa maneira, um conhecimento “exato e positivo” das formas como a classe trabalhadora trabalha e move-se, pode ser um instrumento de melhoria das condições de vida e organização da classe a que o “futuro pertence”.

Os desígnios de Marx que expomos aqui não foram cumpridos, porém. O pensador socialista viria a morrer três anos depois da elaboração do questionário, sem que nenhuma resposta fosse registrada (Haider e Mohandesi, 2013). Desse ponto vista, o projeto da revue socialiste permaneceu incompleto e nenhum dos trabalhadores a que Marx desejava conhecer a partir da leitura das respostas se revelou. O caráter incipiente e contraditório deste esforço inacabado se revelaria nos desenvolvimentos que a enquete conheceu no século XX e a que voltaremos na conclusão deste texto.

Aqui cabe notar, apesar da descontinuidade que caracteriza o questionário de Marx para a classe operária francesa, as semelhanças que ele guarda com os demais momentos da obra do autor de *O Capital*. Como podemos perceber observando as justificativas elaboradas, este projeto parece se enquadrar nos pressupostos mais gerais da obra e do pensamento marxianos, em sua empreitada de crítica a sociedade burguesa e as suas formas orgânicas de pensamento, crítica essa baseada no estudo rigoroso das leis específicas de movimento do capital e na organização revolucionária da classe trabalhadora internacional. Neste sentido, muito embora Marx nunca tenha visto seu questionário respondido, este encontra suas raízes em décadas de pensamento e escrita sobre a vida laboral em tempos de capitalismo. A enquete operária constitui-se assim, como mais um dos momentos de uma empreitada crítica que atravessa toda a teorização madura de Karl Marx.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é contextualizar os propósitos do questionário a partir do exame, curto, de diferentes momentos da obra marxiana. Buscamos aqui demonstrar que os fundamentos e os propósitos da enquete acompanharam o pensador alemão

por boa parte de sua vida intelectual. A partir disso, poderemos questionar a incompletude do projeto, afirmando que ela se dá apenas de maneira parcial.

Para cumprir esse propósito, abordaremos três momentos do trabalho crítico de Marx. Começando pelos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844, passaremos pelo Manifesto do Partido Comunista, redigido junto a Friedrich Engels em 1848 e então falaremos brevemente d'O Capital e da crítica da economia política. Por fim, o trabalho se encerrará com uma pequena conclusão abordando novamente o principal argumento e alguns dos desdobramentos da enquete operária nos séculos XX e XXI.

II- Os Manuscritos Econômico- Filosóficos (1844)

Desde que publicados, no ano de 1932, os Manuscritos Econômicos-Filosóficos (2008) de Marx têm ganhado forte e contínua atenção por parte da tradição marxistas e dos estudiosos da obra do autor em geral. Os cadernos que compõem esse trabalho, redigidos em Paris entre Maio e Agosto 1844, tiveram nos anos posteriores a sua publicação a capacidade de promover grandes controvérsias e influenciar a formação de grandes correntes de reflexão marxista sobre a modernidade capitalista. Esses elementos, bem descritos em um trabalho de Musto (2019) não são, porém, da alçada do presente texto.

Aqui ficaremos com a noção de fragmentação e incompletude com as quais tal autor trata os manuscritos, indicando seu caráter aberto e não sistematizado. Mais importante do que isso é a constatação de que, tendo em mente tais textos, estamos diante dos primeiros estudos de Marx sobre a economia política. Temos aqui, portanto, uma construção crítica em desenvolvimento que começa a se acercar dos problemas profundos da sociedade civil burguesa e do pensamento econômico que a justifica (Musto, 2019, p 415). Os resumos, anotações e citações que Marx elabora com base em seus estudos de Smith, Ricardo, Say etc, mostram bem a constituição de um aparato crítico que acompanharia o autor pelo resto de sua vida. É notável o fato de que o autor dos manuscritos voltaria a consultá-los de tempos em tempos, como na ocasião da elaboração de seus Grundrisse (Marx, 2011)

É interessante notar que a crítica de Marx a tais economistas sugere sempre, em repetidas vezes no decorrer dos cadernos, o estado de miséria e degradação da classe trabalhadora sob o jugo do capitalismo. Os mecanismos produtivos do capital, associados às suas formas primordiais de organização das relações sociais (o salário, por exemplo) são apreendidos a partir das consequências perniciosas para a vida dos trabalhadores. A parte a isso, temos aqui também um estudo sobre a transformação do cotidiano de trabalho das

populações europeias, que passam por uma profunda revolução com as revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX. Noções com objetificação e maquinização do trabalhador, presentes de forma contundente no texto de 44, são aparatos críticos que apontam para o caráter desumanizador da moderna sociedade burguesa.

É importante notar que o estudo e o desvelamento das condições efetivas de vida da classe trabalhadora baseia a crítica de Marx desde o seu princípio, constituindo-se como um dos pilares do desenvolvimento posterior de seus estudos. Principalmente no primeiro caderno da obra aqui debatida, Marx devota bastante atenção a barbarização social causada pela transformação do labor em mercadoria. Tal transformação, justificada pela economia política, cria novas formas de subjugação e desumanização da classe trabalhadora bem sintetizadas pela seguinte passagem: “ Mas a economia nacional conhece o trabalhador apenas como um animal de trabalho, como uma besta reduzida as mais estritas necessidades corporais” (Marx, 2008, p.31).

Com efeito, não seria nada errado dizer que este exame das condições de vida e trabalho que imperavam no capitalismo industrial de sua época, informam a teorização que Marx faz em seus manuscritos sobre o estranhamento. A relação entre alienação dos produtos do trabalho humano e as camadas de estranhamento que daí provém podem ser lidas como um diagnóstico conceitual da desumanização que toma lugar no modo capitalista de produção, desumanização essa que se revela com especial nitidez no ambiente de trabalho. Vem daí, o apelo humanista que muitos autores encontraram e encontram nos manuscritos econômicos filosóficos (Musto, 2019).

O propósito da enquete operária de conhecer as condições de vida da classe trabalhadora e identificar, nesse conhecimento, um dos instrumentos fundamentais para a crítica do pensamento e da prática burgueses se encontra, portanto, mesmo que de forma embrionária, nesta primeira aproximação de Marx ao objeto que o acompanharia pelas próximas décadas. Se as categorias do autor se propõem a capturar as formas de ser (Daseinformen) vigentes em determinada sociabilidade (Marx, 2011, p.59), podemos compreender as noções de alienação e estranhamento como maneiras de trabalhar conceitualmente as grandes mudanças impostas pelo desenvolvimento do capitalismo ao cotidiano de vida e trabalho de grandes frações das classes populares na Europa e, posteriormente, ao resto do mundo. Isso por sua vez, indica a relação entre o estudo empírico das classes trabalhadoras e a formulação dos conceitos marxianos.

É necessário notar, no entanto, que o conhecimento de Marx sobre a economia política ainda era, nessa época, bastante elementar. De fato, o pensador alemão ainda não

tinha empreendido neste ponto de sua teorização as grandes investigações que o prepararam para a escrita de O Capital, por exemplo (Netto, 2019). O conhecimento marxiano sobre o estado da classe trabalhadora e a organização cotidiana do trabalho sob o capitalismo aumentaria significativamente nos próximos anos e décadas, permitindo a construção de categorias críticas que ainda não aparecem neste trabalho.

Isso não significa dizer, no entanto, que o material contido nesses manuscritos seja desimportante. As categorias de alienação e estranhamento, na medida em que buscam dar conta da específica natureza do cotidiano de trabalho e vida sob o capitalismo, são de extrema importância para a compreensão da obra de Marx e de seu diagnóstico sobre a vida social na modernidade burguesa. Diagnóstico este informado pelo exame das condições concretas de vida dos trabalhadores.

III- Manifesto do Partido Comunista (1848)

O Manifesto do Partido Comunista (Marx e Engels, 2013) publicado em 1848 após ser encomendado a Marx e Engels pela Liga dos Comunistas, coloca-se talvez como a principal peça política elaborada pelos dois teóricos (Netto, 1998). Com efeito, é nesse documento que será elaborada a perspectiva política de Marx e informada sua visão sobre a revolução comunista. É interessante notar, no entanto, que essa visão se caracteriza desde a primeira página por uma demarcação bem clara de classe, advinda da elaboração teórica que estes autores empreenderam durante toda a década de 1840.

A relação desta obra com a enquete operária, elaborada por Marx mais de 30 anos depois, advém justamente dessa interação entre classe e revolução, ou ainda, da posição específica da classe operária como sujeito revolucionário. Isso porque o caráter eminentemente político do proletariado, como os dois autores do manifesto deixam claro desde o início do texto, surge de sua posição na estrutura produtiva do capitalismo e do processo histórico que a determina (Marx e Engels, 2013). Neste sentido, o estudo sobre o trabalho no capitalismo leva os autores a uma concepção revolucionária específica, fundamentalmente diferente das outras correntes socialistas existentes no período.

Sendo assim, o conhecimento das características que tornam a classe trabalhadora tão específica, e que desenham o papel político que ela exerce na transformação das estruturas do capitalismo, se associa à reconstrução teórica de suas características como classe e a seu processo histórico de formação. Ambas as questões apontam para o estudo detalhado do cotidiano de trabalho moderno, incluindo seu papel na organização e desenvolvimento de uma

consciência de classe. A passagem de classe em si para classe para si está diretamente associada ao exame cotidiano do ambiente de trabalho que define e reproduz a condição proletária.

Além disso, O Manifesto do Partido Comunista mostra bem a relação que existe entre o estudo científico do capitalismo e a política revolucionária, uma vez que para seus autores:

“a teoria cujos fundamentos estavam lançando era a expressão ideal do movimento social real — a posição de classe do proletariado que refiguravam teoricamente apenas condensava as tendências estruturais da dinâmica social. A adesão de Marx e Engels ao movimento operário, assim, era mais que uma opção política: era um imperativo da sua concepção teórica” (Netto, 1998, p.11)

Essa concepção teórica, como a citação acima mostra bem, estava bastante interessada em descobrir o contexto prático e efetivo da vida operária, denunciando a brutalidade e a desumanização produzida cotidianamente pelos aparatos produtivos do capital. O caráter colossal e grandioso das forças produtivas engendradas pela burguesia se contrapõe a miséria e a exploração que tomam lugar no ambiente de trabalho, exploração essa que, longe de ser um apêndice removível do sistema engendrado na modernidade, constitui seu coração, seu aparato primordial de (re)produção (Marx e Engels, 2013, p.83).

Dessa maneira, o chamado à luta presente nesse texto encontra sua razão de ser também no diagnóstico das condições perniciosas que caracterizam a existência proletária sob o capitalismo. A miséria e a barbarização das condições de vida são sinais de que o progresso contínuo e irrefreável da modernização capitalista vão na contramão de uma existência digna para a classe que a dinamiza, o que, por sua vez, informa a necessidade de uma organização revolucionária capaz de destruir os mecanismos de formação da organização capitalista. Podemos enxergar aqui claramente o trânsito entre condições de trabalho e organização política que caracteriza o projeto da equipe operária.

A noção do estudo científico da sociedade burguesa como arma, o qual justifica o medo que as classes dominantes francesas tinham de um estudo empírico com a classe trabalhadora, está presente também no manifesto de Marx e Engels e determina a unidade entre teoria e prática a que Netto (1998) se refere. É dessa maneira que os autores criticam as formas utópicas e românticas de socialismo, as quais, por não partirem de um exame rigoroso da realidade capitalista e da especificidade de sua formação social, acabam propondo ideias fantasiosas, não mediadas, de libertação.

Os autores apresentam no manifesto, como aponta Netto (1998), um corpo teórico já de grande complexidade, que traz consigo os contornos gerais da posição de análise a ser desenvolvida nas próximas décadas. Apesar disso, os próximos anos significaram para os dois pensadores um tempo de grande aprendizado e contínuos progressos teóricos. Essa progressão aparece de forma incisiva na elaboração de *O Capital* de Karl Marx, obra de grande amplitude teórica e fundamentalmente preocupada com o cotidiano de trabalho da classe trabalhadora.

IV - O Capital (1867-1880)

Marx, em sua empreitada de estudo e crítica da economia política, refletiu durante muitos anos em como apresentar para o público os resultados de sua complexa investigação. Como o teórico da Galícia, Roman Rosdolsky (2007) mostra, planos foram feitos e desfeitos para lidar com o problema de uma exposição satisfatória da lógica de formação e desenvolvimento do capital. Nessa empreitada de exposição, porém, a classe trabalhadora sempre ocupou um papel central.

Isso porque a pesquisa sobre os “segredos” da produção e circulação do capital levou o teórico alemão a revelar o ingrediente secreto da valorização capitalista, a saber, o mais valor. Esse elemento, engendrado no interior da esfera da produção e informado pela parte não paga da jornada de trabalho, se baseia diretamente na exploração do trabalho proletário. Com efeito, a exposição lógica do percurso do capital, ganha também ao longo dos livros alguns elementos históricos que apontam para a fundação da classe trabalhadora e a sua essencialidade para a produção da acumulação capitalista.

O tipo de formação social historicamente determinada que Marx nos apresenta em sua obra magna é caracterizada por um tipo específico de interdependência, na qual o trabalho humano é apropriado pela produção de mercadorias a serem vendidas no mercado. Esta particular organização social implica na existência de uma rede de firmas privadas produzindo mais valor de maneira independente, mas que ligam-se uma à outra pela troca social mediada pelo valor (Rubin, 1980). Neste cenário, a exploração do trabalho ganha apelos societários, sendo o motor que dinamiza a sociedade dos produtores de mercadoria. A produção e a reprodução de uma classe que, despossuída dos meios de produção, deve vender sua força de trabalho, se torna assim essencial.

Nesse ponto encontramos mais uma justificação teórica do interesse de Marx na classe trabalhadora, baseado em seu papel historicamente específico na construção da

sociabilidade capitalista. Esse interesse, presente em toda obra marxiana, ganhará contornos especialmente complexos nos anos de produção de *Capital*, o que confere mais camadas de contextualização ao projeto da enquete operária.

Além disso, a descoberta do mais valor e sua relação com o momento produtivo do capital, assim como sua associação ao tempo de trabalho não pago pelo capitalista, levará Marx a empreender uma verdadeira jornada aos mecanismos fabris de produção de mercadorias que tomavam lugar no capitalismo de então. A descrição do cotidiano de trabalho nas manufaturas e fábricas comporá uma parte significativa do primeiro livro de *O Capital* (Marx, 2017), na qual o autor analisa em detalhes a jornada de trabalho, a divisão do labor, a grande maquinaria etc. É importante notar que todos esses temas aparecem novamente no questionário elaborado para a enquete operária.

Os já citados Haider e Mohandesi (2013), em um texto que discute o legado da enquete operária, citam o capítulo 8 do primeiro livro de *O Capital* (A Jornada de Trabalho) como o exemplo basilar da preocupação marxista com o cotidiano de trabalho do proletariado. Aqui podemos observar com precisão a importância que Marx conferia ao estudo das leis e relatórios de fábrica, na medida em que estes ofereciam uma janela para a observação do dia-a-dia no interior desses ambientes. É mister observar que, além de uma estrita discussão do dilema do tempo de trabalho no capitalismo, o autor também está preocupado com os efeitos da organização e das lutas dos trabalhadores sobre tal fenômeno, incidindo em outro tema constitutivo de sua enquete.

Outro aspecto de grande importância no livro 1 e que volta de forma incisiva no questionário de 1880 é a questão dos salários. Na medida em que o assalariamento, tal como exposto em *O Capital*, constitui uma das especificidades da relação de trabalho capitalista e levando em consideração seu caráter mistificador (que esconde a cisão entre o tempo pago e não pago de trabalho) é bastante compreensível que Marx deseje saber sobre o estado salarial dos trabalhadores respondentes. Ademais, a investigação sobre as formas e as variações que o salário pode tomar são essenciais para entender o trabalho na modernidade. Uma dessas variações, o salário por peça, de que Marx trata no capítulo 19 do primeiro volume de *O Capital* (2017, p. 621), aparece em algumas questões da enquete (de 53 a 58) e questiona justamente sobre as possíveis trapaças e enganações por parte do capitalista.

Estes elementos que viemos descrevendo, embora pertencentes ao livro 1 do *Capital* de Karl Marx, não excluem a possibilidade de notarmos na enquete questões relacionadas aos outros volumes. Com efeito, Marx devota algumas questões de seu questionário à

questão da renda, principalmente em sua relação com as formas salariais e com o aluguel pago pelo trabalhador entrevistado, renda essa que informa partes da teorização do autor no livro 3 (Marx, 2017b) de sua obra e oferece sustentação para a divisão do capitalismo em três grandes classes sociais (fórmula trinitária). De forma semelhante, a noção de preço, igualmente importante no terceiro volume, também está presente na enquete, indicando a preocupação do autor com a compreensão de suas especificidades e com os efeitos que ele produz na vida cotidiana.

Apesar disso, porém, a enquete permanece, na maior parte de seu conteúdo, bastante próxima dos assuntos tratados no livro 1. Isso se deve, acreditamos, à proximidade do conteúdo daquela com as questões mais imediatamente ligadas ao cotidiano nas fábricas e oficinas, ou seja, com o momento da produção do capital. No entanto, é razoável acreditar que estas questões localizadas podem ser pensadas também a partir dos critérios estabelecidos nos livros 2 e 3, estando os três ligados pela relação recíproca que caracteriza a sociedade capitalista.

V - Conclusão

Neste trabalho, procuramos mostrar como os fundamentos da enquete operária de Marx se revelam em diferentes momentos de sua teorização e crítica da sociedade burguesa. Dessa forma, os critérios de conhecimento exato e positivo das condições de vida e trabalho da classe trabalhadora, como um dos pilares para o desenvolvimento de um aparato conceitual capaz de questionar as bases historicamente específicas do modo de produção capitalista, estão presentes no horizonte das preocupações do pensador alemão desde muito antes da proposição do projeto em 1880.

A partir de análises rápidas dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, do Manifesto do Partido Comunista e d'O Capital, tentamos demonstrar como o estudo do cotidiano do operariado europeu do século XIX interage com temas e conceitos seminais da obra de Karl Marx e determina o conteúdo político de suas obras. Assim sendo, constatamos que o “espírito” da enquete de 1880 perpassa diversos momentos distintos do trabalho do autor, expressando uma preocupação perene de sua prática com pesquisador e teórico da sociabilidade burguesa.

Isso nos fornece, por sua vez, elementos para questionar a inconclusibilidade do projeto. Pois, ainda que o questionário da revue socialiste nunca tenha conhecido uma resposta, o interesse de Marx em conhecer, mesmo que indiretamente, a condição prática

da classe trabalhadora está cristalizado no aparato conceitual que ainda hoje utilizamos para estudar as metamorfoses e transformações do capitalismo. A busca categorial pelas formas de ser que imperam em determinada organização social, a que nos referimos anteriormente, pode ser entendida também como indicadora da necessidade de reconstruir a situação e o movimento real de uma classe de pessoas.

Além disso, recentes estudos historiográficos sobre a Enquete e sobre a história dos movimentos operários do século XIX, do qual talvez McAllister (2022) seja o melhor exemplo, têm revelado o impacto significativo que o questionário de Marx teve nos anos imediatamente posteriores a sua publicação. O autor descreve aqui como o projeto de 1880 teve grande efeito sobre os movimentos socialistas de países como a Polônia e a Holanda nas últimas décadas do século XIX. Os perigos que a Enquete significava para as classes dominantes também foram bem demonstrados na ocasião de sua apreensão, por duas vezes, pela polícia da cidade italiana de Milão (McAllister, 2022, p.3). Esses dados, somados à discussão que fizemos nesse trabalho, apontam mais uma vez para o questionamento da suposta “falha” ou incompletude do projeto.

A Enquete Operária, diante desse ponto de vista, deve ser entendida como mais um momento de um movimento que se arrasta por pelo menos três décadas, como a realização ulterior de um estudo que vinha sendo construído continuamente por Marx e também por seu colaborador e amigo Friedrich Engels (basta nos lembrarmos de seu “A Situação da Classe Operária na Inglaterra). Ela não revela o interesse dos dois autores pelo cotidiano de vida e trabalho sob o capitalismo, mas o confirma.

É importante notar também que o projeto da enquete operária sobreviveu à virada do século, permanecendo vivo em algumas correntes marxistas atuantes na primeira e segunda metades do “novecento” (Haider e Mohandesi, 2013). Dessa forma, a Johnston-Forest Tendency nos Estados Unidos, O Socialisme ou Barbarie na França e o Operaísmo na Itália trilharam, cada um de sua forma, o caminho aberto por Marx. De forma geral, a enquete simboliza para essas correntes uma maneira de estudar e conhecer as novas formas de trabalho e organização que surgiram no pós guerra, com o advento do fordismo e do cotidiano de trabalho relacionado a ele. O estudo empírico da situação da classe trabalhadora representou aqui o esforço de construir desde baixo (Notes from Below, 2018) categorias capazes de entender o modo de ser do operariado que então surgia. Além disso, havia aqui também uma forte preocupação política, na medida em que a (re)ativação da máquina de descobertas, como diz Tronti (2019) a respeito do potencial da enquete, contribui para o fortalecimento da organização operária e da luta anti-capitalista em geral.

De forma semelhante, é com o intuito de investigar as novas características da classe trabalhadora pós-fordista que a enquete operária permanece viva nos dias de hoje. Nos últimos anos, alguns estudos (Cant, 2018; Woodcock, 2013) vem utilizando o aparato conceitual marxiano e sua maneira de estudar a classe trabalhadora para compreender o cotidiano de trabalho vinculado a plataformas, call centers, escritórios de tecnologia etc. Aqui, o propósito é utilizar a enquete para construir uma teoria social crítica que elabore conceitos a partir da experiência prática dos trabalhadores e não se reduza a aplicação imediata de temas ultrapassados. A enquete operária serve mais uma vez para fazer funcionar a máquina de descobertas, traduzir o cotidiano de trabalho em conceitos e auxiliar na organização das classes trabalhadoras.

Referências Bibliográficas:

- CANT, C. **Riding for Deliveroo: resistance in the new economy**. Cambridge, Polity Press, 2018.
- HAIDER, Asad e MOHANDESI, Salar. Workers Inquiry: A Genealogy. **Viewpoint**. Issue 3. 2013
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo. Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**: livro 3: o processo global da produção capitalista
- MARX, Karl. “Enquête ouvrière” and “Workers’ Questionnaire” in **Marx-Engels Collected Works vol. 24**. New York. International Publishers. 1880
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico Filosóficos**. São Paulo. Boitempo. 2008
- MARX, Karl. **Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858**. São Paulo. Boitempo. Rio de Janeiro. EDTORA UFRJ. 2011
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista *in* **Essencial Sociologia**. São Paulo. Penguin/Companhia. 2013
- McAllister, Clark. **Karl Marx’s Workers’ Inquiry: International History, Reception, and Responses**. London. Notes from Below. 2022
- MUSTO, Marcello. Os Manuscritos Econômico-Filosóficos de Karl Marx: dificuldades para publicação e interpretações críticas. **Caderno CRH**, 32(86), 399–418. 2019
- NETTO, José Paulo. Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista. [1998?] Disponível em: <http://www.pcb.org.br/porta1/docs/elementos.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx: Uma Biografia**. São Paulo. Boitempo. 2019

Notes From Below. **The Workers' Inquiry and Social Composition**. 2018. Disponível em: <https://notesfrombelow.org/article/workers-inquiry-and-social-composition> . Acesso em 24 de Maio de 2023

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

RUBIN, Isaak. **A Teoria Marxista do Valor**. São Paulo. Brasiliense. 1980

TRONTI, Mario. **Workers and Capital**. London. New York. Verso. 2019

WOODCOCK, Jamie. “Smile Down the Phone”: An Attempt at a Workers’ Inquiry in a Call Center. **Viewpoint**. Issue 3. 2013